

TELA EM NEGRO. OUVI-SE APENAS A CONVERSA ENTRE O POETA ALBERTO DA COSTA E SILVA E DOUGLAS MACHADO.

DA COSTA E SILVA: - *Pode ser uma coisa mais longa?*

DOUGLAS: - *Pode!*

DA COSTA E SILVA: - *Porque eu gosto muito disso aqui... eu ia ler um soneto mas prefiro ler isso aqui: "Lamentação de Pieter Van Der Ley no Outeiro da Cruz".*

FADE IN: BRANCO.

EM UM CENÁRIO COMPLETAMENTE BRANCO VÊ-SE O CORPO DE UM SOLDADO MORTO – ESTENDIDO NO CHÃO. IMAGEM EM B&P: CONTRASTES E GRANULAÇÃO ACENTUADOS.

CRÉDITO¹:

poema:

Lamentação de Pieter Van Der Ley no Outeiro da Cruz

livro: A CIDADE SUBSTITUÍDA

OUVI-SE A VOZ EM OFF DO POETA ALBERTO DA COSTA E SILVA LENDO O POEMA: "LAMENTAÇÃO DE PIETER VAN DER LEY NO OUTEIRO DA CRUZ". IMAGENS, TRILHA E SONOPLASTIA RELATIVA AO POEMA. IDÉIA CENTRAL: O ESPÍRITO DO SOLDADO LEVANTA-SE E EXPIA SEU PRÓPRIO CORPO.

*Eu, Pieter van der Ley,
soldado da Holanda,
trazido até aqui
na luta santa contra os papistas,
mas também movido
pelo sonho da aventura e da riqueza,
fui morto aqui numa emboscada
dos guerrilheiros do Brasil.
Fui morto aqui neste lugar
depois chamado Outeiro da Cruz*

¹ Todos os créditos – exceto as legendas do depoimento de H. Dobal – serão em estilo “máquina de escrever”!

*em memória desta emboscada.
E aqui me tenho para sempre.*

*Os meus derrotados camaradas regressaram.
Eu sou o filho pródigo que os pais nunca reviram.
A violência do sol, o peso das chuvas,
o tempo tropical não me desgasta.
Mas perdi para sempre o claro-escuro da Holanda,
os canais onde a água refletia as tabernas,
perdi as planícies onde o gado frísio
pastava na bruma,
.. onde o gado malhado
transformava em leite a pastagem gorda.
Aqui neste Outeiro da Cruz,
hoje envolvido,
hoje engolido pela cidade,
passam os que procuram o aeroporto e me deixam
as suas de bem partir, de mal partir.
Aqui por perto manobram os caminhões de refrigerantes.
Eu não parto. O meu refrigerio é apenas
esta brisa triste trazendo os adeuses do mar.*

*Eu, outrora chamado Pieter van der Ley,
espírito preso neste Outeiro da Cruz,
cumpro uma pena interminável,
expio um pecado de que não me lembro,
O meu corpo de vinte anos,
depositado neste chão,
composição que se decompôs rapidamente,
o meu corpo me abandonou.
A minha pele clara, os meus olhos claros,
os meus músculos, os meus cabelos ruivos
me abandonaram.
E aqui me tenho; menos do que sombra.
Corpo etéreo, fantasma, alma penada,
que ninguém vê,
que ninguém ouve,
que ninguém conhece,
neste exílio post-mortem.*

FUSÃO PARA OS CRÉDITOS INICIAIS:

trinca/filmes e Instituto Dom Barreto
apresentam

H.DOBAL

um homem particular

CARRO EM MOVIMENTO. INTERCALAR COM: PAISAGEM VISTA ATRAVÉS DA JANELA, ROSTO DE DOBAL (DENTRO DO CARRO) ETC. LOCAÇÕES: TERESINA, RIO DE JANEIRO, BRASÍLIA, CAMPO MAIOR, ESTRADAS ETC.

CRÉDITO:

janela do carro

INICIA COM A VOZ DE H. DOBAL² EM OFF – FALANDO SOBRE PAISAGEM EM MOVIMENTO – DEPOIS ELE ENTRA EM SINK DE IMAGEM E SOM.

H.Dobal

Eu olhando pela janela do carro via a paisagem mudando sempre. Sempre mudando as paisagens, nunca ficava a mesma. (...) É uma sensação de movimento, uma sensação de vida. Porque vida é movimento. (...) Então, (...) eu me concentro, me concentro naquela visão, isolo as coisas e (...) Essas imagens passam a ser metáforas.

(...) meu pai me levava muito pelo interior, (...) Eu via as coisas e aquilo foi somando. Fiquei com aquelas impressões no subconsciente e vieram depois quando eu fazia poesia.

² Todas as falas de H. Dobal serão legendadas.

Eu era praticamente destinado à poesia porque minha mãe colecionava poesia, (...) das revistas e dos jornais e transformava num livro (...) recortava e pregava em um livrinho branco. (...)

Meu pai trabalhava no campo porque era agrimensor, gostava muito. Ele não gostava de poesia, a não ser o soneto de Camões: “Sete anos de pastor, Jacó servia Labão, pai de Raquel – serrana bela – mas não servia a Labão, servia a ela”. Este soneto meu pai sabia decorado e eu fiquei... muito significou. Eu parti para ser poeta por causa disso, por causa de minha mãe e de meu pai.

ENTRA O DEPOIMENTO DE AFONSO LIGÓRIO – SOBRE SUAS LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA COM DOBAL – INSERIR FOTOS DE DOBAL NA ADOLESCÊNCIA.

Afonso Ligório – jornalista

Eu conheci Dobal ainda menino (...) tivemos a mesma meninice, nos mesmos lugares, ou seja, na Praça João Luiz Ferreira, na Praça Rio Branco, ou na Rua Elizeu Martins, onde ele morava e eu também. A mãe do Dobal era professora e a minha também. Quer dizer, vejam, então a aproximação era maior. Um dia eu cheguei na casa do Dobal – minha mãe foi visitar a mãe dele – eu cheguei à casa do Dobal, ainda no início da adolescência, e ele me mostrou um poema e, em seguida, um conto. Eu não sabia que ele era dado à literatura, mas ele me mostrou um poema e, em seguida, um conto. Eu achei excelentes.

CRÉDITO:

o hábito de leitura

CLIP-RESPIRO HISTÓRIA-EM-QUADRINHOS: INICIAR COM FLASH GORDON. A MEDIDA QUE FOREM COMENTADOS, INSERIR: JIM DAS SELVAS E MANDRAKE – O MÁGICO.

H.DobalMiniDV 066 – aproximadamente 0:41:30:00

Naquele tempo um parente meu no Rio me mandou, mandou para mim um livro, uma história-em-quadrinhos que não existia aqui no Piauí.

“BOX INFO”: COMICS = HISTÓRIAS-EM-QUADRINHOS

Camillo Filho – professor / membro da A. P. de Letras

A gente lia tudo, todos os “comics” que apareciam, e o Dobal foi o representante, foi o responsável, (...) Aliás, eu me lembro bem de que o primeiro álbum que apareceu foi o de Flash Gordon no Planeta Mongo. E a partir daí o Flash Gordon era conversa do café, do almoço, do jantar, dos encontros. A gente sonhava e pensava em alcançar e atingir outros mundos, quando a gente não havia alcançado nem nosso mundo local aqui.

H.Dobal

Então, era o Jim das Selvas, o Flash Gordon, Mandrake – o Mágico. Lendo aquilo aumentou a nossa vontade de ler. Nossa vontade de aprender a ler mais.

Camillo Filho – professor / membro da A. P. de Letras

E a conversa ia e a conversa ia e a gente passava a ler... e o resultado foi que a gente teve mesmo o hábito de ler; institucionalizou-se o hábito da leitura.

CLIP-RESPIRO: FOTOS DE TERESINA ANTIGA – INCLUIR PRAÇA PEDRO II.

M.Paulo Nunes – escritor / membro da A. P. de Letras

...a partir de meados da década de 40 – 46, precisamente – na Praça Pedro II, ali no centro da Praça Pedro II, indiferentes ao desfile da beleza feminina que passava ali suas formas exuberantes – as moças num sentido, os rapazes no outro – e nós, em vez de estarmos a apreciar as meninas, como dizem os

portugueses, nós ficávamos lá, discutindo filosofia, literatura, política... mais filosofia e literatura do que política, né?

FOTOS DA TURMA DE AMIGOS DO DOBAL – A CHAMADA “ARCÁDIA PIAUIENSE”: DÉCADA DE 30–40.

CRÉDITO:

os chato-boys

H.Dobal

Era um ponto-de-encontro no meio da praça. Aquilo... éramos conhecidos como os “chato-boys”.

DOUGLAS: - Os chato-boys?

Chato-boys... porque num dava bola para as meninas nem com as moças. (...) Ficávamos no centro da praça discutindo literatura e ignorando as mulheres (RINDO).

FAZER INSERTS – AO LONGO DO DEPOIMENTO DE EUSTÁQUIO PORTELLA – DE FOTOGRAFIAS ANTIGAS DA TURMA DO LICEU PIAUIENSE.

Eustáquio Portella – psiquiatra

...foi exatamente nessa fase que mediu entre os 13 e os 17 anos, 13 para 17 anos, que foi o período em que eu me integrei nesse grupo que a gente chamava de “Arcádia Piauiense” e que foi um grupo de intelectuais jovens, de pretensos intelectuais jovens, constituído por vários alunos do Liceu na época, do Liceu Piauiense, que era um colégio fundamental, colégio em que todos estudávamos e que, na época, tinha... não sei como está agora, mas na época tinha um charme muito grande o Liceu; tinha excelentes professores.

(...) Eu creio mesmo que as discussões que a gente estabelecia naquela época eram discussões que deram rumo à intelectualidade nascente no Piauí.

INSERT: FOTOGRAFIAS DO CLUBE DOS DIÁRIOS – DÉCADA DE 40 APROXIMADAMENTE.

Camilo Filho – professor / membro da A. P. de Letras

Tínhamos uma roda no Clube dos Diários; no Clube dos Diários acontecia tudo em Teresina. Foi batizado de Lago do Boticário, lá a gente se encontrava. (...)

Mas depois a gente ficou foi mesmo na Praça Pedro II, que veio a ser a praça que reunia Teresina. A praça de baixo e a praça de cima: a praça de cima, do curical, dos pobres; e a praça de baixo, da burguesia, da classe média. A gente se reunia ali todo dia, toda noite, definitivamente. Às vezes a gente ia para o cinema, tinha a sessão das 3, a sessão de namoricos; tinha a sessão das normalistas; tinha a sessão dos estudantes.

CENAS DOS FILMES: “NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS” E “CIDADÃO KANE”. ENTRA CRÉDITOS COM OS DADOS DE CADA FILME.

NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS (Stagecoach)

direção: John Ford

United Artist EUA – 1939

(...) E depois a gente ia comentar aqueles filmes do 4 de Setembro e do Rex. Depois teve o Royal... não, antes havia, na Praça Rio Branco, o cinema do Budague. A gente começou praticamente, o cinema, ali.

CIDADÃO KANE (Citizen Kane)

direção: Orson Welles

RKO Pictures EUA – 1941

INSERT: FOTOGRAFIAS ANTIGAS DOS RIOS PARNAIBA E POTY.

CRÉDITO:

olhar as lavadeiras

Camillo Filho – professor / membro da A. P. de Letras

Havia também, na época da minha geração, um hábito, quando a gente ia tomar banho no rio: era de olhar as lavadeiras. Ah, meu amigo, era um negócio incrível aquela preocupação. A gente se escondia e tal, aquelas balsas, aquele negócio... balsa de buriti mesmo, a gente se escondia por ali.

H.Dobal

Naquele tempo era longe, era muito longe o Poty. Meu pai não sabia disso. Aparecia aquela mancha de sol no rosto branco e o velho ficava preocupado comigo e me levava para o médico para ver aquilo.

Camillo Filho – professor / membro da A. P. de Letras

...é um começo de introdução à sacanagem militante, e a gente também fazia isso também por ali, quando não ia, naturalmente, para os prostíbulos ou lupanares, da Rosa do Banco, da Gerusa, da Maria Aguiar, que apesar de nós estarmos começando a andar de calça comprida, a gente tinha acesso, de uma forma ou de outra. E ali a gente estava aprendendo a viver, estava aprendendo a viver. E onde a gente encontrava isso – era muito interessante – as grandes figuras de Teresina, os doutores, os médicos, os advogados, etc. etc... Então isso fazia com que a gente se sentisse, vamos dizer, importante também, freqüentando aqueles cabarés da Paissandu. E a gente via cada cena interessantíssima.

CRÉDITO:

não era muito de conversar

Camillo Filho – professor / membro da A. P. de Letras

Aí chegamos à Faculdade de Direito. Foi uma turma, a nossa, a chamada Turma do Centenário de Teresina, muito boa, muito dedicada, muito esforçada. O Dobal era uma das figuras de maior representatividade, não só porque era o poeta, já era poeta, mas pelo jeito simples, alegre, jovial, embora meio taciturno. Dobal não era muito de conversar – era preciso puxar a força.

Lina Gayoso – amiga

Mais ou menos na segunda série, ou na terceira, a mãe dele faleceu e ele emagreceu muito (...)

H.Dobal

Foi uma coisa muito,... minha mãe era uma pessoa muito suave, muito... muito... a morte dela foi um golpe para nós muito grande.

Verbena Dobal – irmã

Demorou muito tempo... assim, um ano, um ano e pouco. É que ele estava doente... (...) ...ficou em casa. Raramente ele ia à aula, ia só fazer as provas.

Lina Gayoso – amiga

Para ajudá-lo, eu anotava (...) as aulas e descia e passava, a pretexto de visitar minha avó (...) eu passava na casa dele e deixava com a irmã, a Verbena, todo o material das aulas que eu havia tomado. (...) No dia seguinte, eu anotava as aulas daquele dia e descia e a Verbena me entregava o caderno da aula anterior que ele havia copiado e estudado e eu deixava os novos, e assim, até que ele ficasse bom, eu passava diariamente lá.

INSERT: REVISTA MERIDIANO.

CRÉDITO:

mal do terceiro número

Paulo Machado – poeta

Dobal inicia a publicação de seus primeiros textos não em livros, mas em uma revista literária, denominada de Caderno de Letras o Meridiano, realizada por companheiros de geração e de grupo literário – H. Dobal, O. G. Rego de Carvalho e Manoel Paulo Nunes – integrantes do grupo Meridiano, pertencentes à geração literária de 45, no ano de 1949.

M. Paulo Nunes – escritor / membro da A. P. de Letras

“Meridiano” morreu do mal do terceiro número, como várias revistas literárias que se fizeram na época. O movimento... essa revista foi uma espécie de resposta que nós demos, no Piauí, a um movimento intelectual que se organizou no país todo – que se organizou não, que se manifestou no país todo, ele não se manifestava de forma organizada – que foi o movimento denominado o pós-modernismo, ou a geração de 45, a famosa geração de 45.

Eustáquio Portella – psiquiatra

Verdadeiramente o que centralizava as nossas atenções eram os problemas da literatura, quer dizer, todos éramos interessados em literatura, e as discussões eram realmente centradas em literatura brasileira e literatura estrangeira. Ainda aí o poeta Dobal era a pessoa que muito cedo se interessou pelos poetas ingleses, que eram objeto da admiração dele, e que ele acabava contaminando também aos outros do grupo, inclusive a mim, que passei a me interessar pela literatura inglesa e hoje os ingleses são os poetas de minha predileção muito em função dessa influência do Dobal.

IMAGENS DO DOBAL LENDO LIVROS DE ANTOLOGIAS POÉTICAS – “THE NEW POETS OF ENGLAND AND AMERICA”.

H. Dobal

Eu tinha antologias... uma pessoa me deu um livro de poesia: antologia de poetas ingleses e norte-americanos. E nesta estava o Walt Whitman. Então eu fiquei... achei que ele tinha muito coisa e meus primeiros poemas foram baseados nele.

DOUGLAS: - *Na língua inglesa, quais são os poetas de sua predileção?*

“BOX INFO”: ROBERT GRAVES – inglês (1895 – 1985)
W. B. YATES – irlandês (1865 – 1939)

Eu não tenho predileção por poetas. Porque sou mais um homem de antologias assim mesmo eu posso citar: Robert e Yates como poetas ingleses. São muito bons... eu gosto muito deles.

Álvaro Pacheco – primeiro editor

A publicação do primeiro livro, eu fiz sabendo que estava publicando um livro muito importante. A minha editora ainda não era uma editora de muitos títulos, eu tinha publicado pouca coisa. Um dos primeiros livros que eu publiquei foi o primeiro livro do Hidemburgo. E publiquei os outros dois sem nenhum interesse comercial, sem nenhum resultado, porque de um modo geral poesia é uma coisa aqui no Brasil vende muito pouco. Eu editei esses livros procurando dar um prestígio a editora com livros de poesia de alta categoria.

CRÉDITO:

pareceu nome de remédio

Cineas Santos – professor / editor

Aí por volta de 72, se não me falha a memória, na antiga faculdade de direito, um colega de curso chamado Balduino Barbosa de Deus, de saudosa memória, me perguntou, no intervalo de uma aula, se eu conhecia o maior poeta do Piauí. Eu me lembro que, à época, eu disse: “Claro, Da Costa e Silva”. Ele disse: “Não, não, eu estou falando dos poetas contemporâneos”. (...) e aí tirou da pasta este livro horroroso, com essa capa feíssima, cinzenta, amarrotada, e com uma brochura muito mal feita, e disse: “É este camarada aqui”. E eu olhei para o livro e

não gostei da feição gráfica do livro e não gostei do nome do autor. H. Dobal me pareceu nome de remédio, eu achei um negócio estranho. (...) E fiz um teste que eu faço com qualquer livro, quando pego um livro de poesia: eu abro em qualquer página. Isto é um teste que não falha: pegou um livro de poesia, abra em qualquer página. (...) Um livro de poesia tem que ter, pelo menos, um verso bom numa página. Então eu abri, me lembro bem, abri aleatoriamente o livrinho, este aqui, página 29, e tinha um texto de nome “A Fazenda”. Eu peguei aquilo e li:

*“São trinta cabeças de gado cabrum
criação miúda, sem qualquer ciência.
somente um chiqueiro defesa noturna
que bem cedo aberto o dia lhes dá
Rústicas a vida de qualquer maneira sabem extrair
mas vem da morte sua serventia, o couro e a carne
para o homem mais pobre do que elas.”*

Olha, eu confesso que este poema provocou um tamanho estranhamento em mim, que eu tive a impressão de... “Mas, espera aí, que história de poesia é essa? que arrumação é essa? que coisa mais dura, mais seca...” e aí eu peguei o livro e, naquela tarde, não houve mais aula de direito para mim. Eu me sentei na biblioteca e li o livro inteiro.

Ivan Junqueira – poeta / membro da A. B. de Letras

O Dobal tem uma poesia de um acento telúrico muito forte, é uma poesia de carácter cósmico e como certa vez disse, com toda razão aliás Manuel Bandeira, é uma poesia de âmbito ecumênico porque todo o Nordeste está ali refletido – não de uma maneira chorosa nem propriamente revoltada como a gente costuma ver nos poetas da região. O Dobal tem uma visão muito objetiva da realidade cósmica que o cerca. E isso é uma coisa surpreendente num poeta do Piauí. O retrato que ele nos dá daquela região é um retrato absolutamente exato, é um retrato sem transbordamento e que – exatamente por causa disso – nos comove.

LAMBE-LAMBE: SEQUÊNCIA DE FOTOGRAFIAS.

João Cláudio Moreno – humorista

Então esta poesia aqui, para mim, ela vai definir todo o Dobal, o mesmo Dobal agressivo, o mesmo Dobal que pôs o dedo da ferida no meio de poetas del-letristas, que vão evocar só nosso bairrismo, o “velho monge”, e “Ô, Piauí!”, e a “terra querida” e essa coisa toda. Ele é que vai dizer: “Olha, nós somos pequenos, nós somos feios, nós somos pobres”, e isso... não é que isso seja um motivo de vergonha, mas é um motivo de tomada de consciência, nós somos assim, o que faz o nosso compromisso original é isso e ele precisa mudar. E ele vai pegar todos os aspectos dessa formação piauiense. Então eu vejo o Dobal como o poeta, o escritor, o literato, o artista mais piauiense de todos.

H.Dobal

DOUGLAS: - Por que a sua poesia pouco deve à poesia piauiense dos fundadores de nossa Academia, de modo especial à de nossos poetas maiores, como Da Costa e Silva, Martins Napoleão e Celso Pinheiro?

Por que esses poetas... o Martins Napoleão era um poeta que poderia ser um poeta daqui ou da China, era a mesma coisa... ele não era influenciado pela paisagem. O Da Costa e Silva escreveu belos poemas sobre o Piauí com motivos piauienses - mas também não se pode dizer que seja um poeta piauiense. (...) Então o Celso Pinheiro também era outro que vivia com a cabeças nas nuvens. (...) Eu sou um poeta que me preocupava com o conteúdo do Piauí.

IMAGENS DE UM VAQUEIRO: SE VESTINDO, ANDANDO EM DISPARADA À CAVALO E ABOIANDO.

CRÉDITO:

quem não é vaqueiro

João Cláudio Moreno – humorista

Quem tiver a sensibilidade de ver, fará um percurso sentimental e profundo nas entranhas da sua piauiensidade para descobrir que, no Piauí, quem não é vaqueiro, o pai foi vaqueiro, o avô foi vaqueiro, o bisavô foi vaqueiro... vai ver que há uma cadência no aboio, que se identifica com a forma como o Dobal constrói suas... o aboio: “ô, ô, ô, ô...” (CANTA) – aquele grito perdido nos tabuleiros piauienses.

TRAVELLING PELOS CAMPOS – ENTARDECER.

Olga Savary – escritora/poeta

E tem uma coisa na poesia do Dobal que me agrada extremamente e que é uma coisa muito difícil de ter na poesia brasileira, que é o senso de humor. Eu sempre digo que há três vertentes fundamentais numa poesia: o senso de poesia – que ele tem, como poeta; o sendo de humor – que ele tem porque ele tem isso, um humor um pouco ácido mas, de qualquer maneira, um senso de humor muito ferino, mas muito presente na poesia dele; e o senso erótico – que o Dobal não tem tanto, acho que o Dobal é uma pessoa mais cerebrina, mais cerebral.

Cineas Santos – professor / editor

Em 78, eu já estava editando o Dobal e fiz este livro “A Serra das Confusões”, uma edição bem feita para a época, bem cuidada, ilustrada, e que mereceu alguns elogios de pessoas expressivas, como o Millôr Fernandes, Ziraldo e outros tantos. (...) A partir daí eu não parei mais de editar o Dobal.

(...)

Ao contrário do que muita gente pensa, a “Serra das Confusões” não tem nada a ver com acidente geográfico não; a “Serra das Confusões” é Teresina, é a província, é a aldeia, com os seus tipos, com essas figuras que enriquecem a cultura e o folclore do Piauí.

INSERT: ILUSTRAÇÕES DO ALBERT PIAUÍ NO LIVRO “SERRA DAS CONFUSÕES”

João Cláudio Moreno – humorista

Quer dizer, você recebe o grande escândalo, aí você vê aquilo, se comove e tem contato com todas as nuances miseráveis e luminosas do ser humano, como a inveja, o adultério, a traição, a corrupção, o orgulho, a prepotência, o medo, a covardia, e também vai ver todos os lados luminosos do ser humano, como a vagabundagem... a vagabundagem, no sentido de não perseguir, de não ser escravo do tempo, não ser escravo do dinheiro, o lirismo louco daquele bêbado que diz: “Nessa noite noturna de hoje...”³ - as saídas para as angústias do mundo. O cara diz: “Bom, Deus é grande, mas o mato é maior”⁴, que coisa bonita; as benzedeadas e tudo. Eu vejo aí a construção de um mundo de um romancista, e de um romancista que não se esgota e que não precisou escrever 800 páginas.

SEQUÊNCIA DE IMAGENS DE H.DOBAL BATENDO À MÁQUINA.

CRÉDITO:

uma palavra nova

H.Dobal

DOUGLAS: - *Como você escreve? De que maneira? Qual o método? Enfim, existe alguma disciplina quando o poeta Dobal escreve suas poesias e sua prosa?*

Não, não existe propriamente uma disciplina. Existem anotações, eu tenho anotações sobre temas sociais importantes para mim. Às vezes uma palavra nova... uma... uma palavra nova, uma frase, um tema que me vem e eu anoto no caderno. Na hora de fazer a poesia eu me lembro daquela palavra e encaixo aquela palavra na poesia. (...) eu às vezes escrevo um verso e deixo de lado, não penso mais nele. Daqui a uns dias ele vem de novo no pensamento e aí eu encaixo ele na poesia!

³ poema: “O Poeta”

⁴ poema: “O Fugitivo”

CRÉDITO:

poesia:

Amor

livro: EPHEMERA

Afonso Ligório – jornalista

Eu vou olhar aqui porque eu tinha feito um trabalho a respeito disso: (...) Não o preocupa a busca da rima para completar o verso. A palavra funciona como peça de uma arquitetura verbal que junta rima e estética a uma idéia lúcida, por vezes mais próxima da realidade que do sonho. Veja o emprego das palavras neste trecho do poema “As Pedras”:

“O tempo gasta estas pedras com mil artifícios repetidos.” – o real e a fantasia no limite da existência das coisas, a dúvida da eternidade material se expressa de um modo claro e bendito, agradavelmente convincente.

Carlos Evandro – professor de literatura brasileira

Em geral, a crítica costuma submeter os escritores ao leito de procusto. O que é que significa isso? Isso significa dizer que a preocupação principal da crítica é exatamente enquadrar o autor em determinadas escolas, em determinado estilo literário. Essa preocupação, às vezes, ela induz o leitor a conceber o autor filiado a esse ou àquele movimento literário.

INSERT: MOSAICO DE FOTOS ANTIGAS E RECENTES DE DOBAL.

Ivan Junqueira – poeta / membro da A. B. de Letras

Eu acho que ela se encontra num lugar muito solitário dentro da nossa atual conjuntura poética porque o Dobal, estilisticamente, não pertence a geração de 45. Por outro lado, ele absolutamente não é um autor residual do movimento modernista. O Dobal também não se filia aquelas vanguardas que eclodiram no fim da década de 50 como o concretismo de São Paulo, o neo-concretismo no Rio, movimento praxis, Dobal passa ao largo de tudo isso. De maneira que, o único lugar em que nós poderíamos

inserir a produção poética do Dobal é na modernidade porque as pessoas tem que entender, sobretudo no caso do Brasil, que o modernismo de 22 foi apenas uma primeira etapa da modernidade. Essa primeira etapa, que se chamou modernismo, é que foi – depois em 45, né? – muito criticada por essa geração, a geração de 45, que pregou uma volta, uma volta mecânica aos modelos do passado. De maneira que é uma geração frustrada e uma geração perdida. Dobal passa também ao largo dessa geração porque o Dobal é um homem que recorre muito pouco à rima e aos metros regulares. Ele prefere operar no âmbito do verso livre mas de uma maneira muito pessoal. Quando você, por exemplo, se depara com um soneto na obra do Dobal, esse soneto nunca está vinculado à prática do cânone clássico. É, na maioria das vezes, um soneto branco e, na maioria das vezes, um soneto que usa um metro do qual eu diria que é estritamente Dobaliano. Quer dizer, trata-se de um poeta muito singular, do ponto-de-vista do estilo, e que não cabe nem em nenhuma escola como não cabe em nenhum... como é que eu diria, não é bem movimento... ele não cabe em nenhuma dessas categorias que a teoria literária foi criando ao longo do século XX.

CRÉDITO:

já nasceu adulta

INSERIR, AO LONGO DO DEPOIMENTO DE MARIA FIGUEIREDO REIS, IMAGENS DOS LIVROS PUBLICADOS DE DOBAL.

Maria Figueiredo Reis – profa. de literatura brasileira

A poesia de Dobal já nasceu adulta com “O Tempo Conseqüente”. E se reafirma com a “A Província Deserta”, “O Dia sem Preságios”, “Signos e Siglas”, “Efêmera”. Essa poesia de Dobal é uma poesia simples como ele, atual como ele, moderna como ele. Então, nos livros que a gente acabou de citar nós encontramos um mundo que não é só o mundo de outros mas o mundo do próprio Dobal..

CLIP-FOTOGRAFIAS DE VÁRIAS CIDADES DA EUROPA.

Carlos Evandro – professor de literatura brasileira

Um outro fato que me chama a atenção na obra de Dobal são as impressões de viagem que ele coloca na obra “A Viagem Imperfeita” (...) Eu senti o deslumbramento de quem faz uma primeira viagem. E Dobal me faz reviver isso nesse passeio que conduz o leitor à Europa, nessa viagem imperfeita. E ali, o autor produz um texto elaborado, todo, digamos assim, ele constrói o texto através de “takes”, de tomadas cinematográficas, através das quais ele nos dá suas impressões de viagem com muito humor e muita sabedoria, através de suas reflexões.

Afonso Ligório – jornalista

Quando se refere a Londres ou Berlim – vocês vejam bem que coisa curiosa! – quando ele se refere a Londres ou Berlim, seus poemas, essas cidades européias assumem o mesmo peso e importância de Campo Maior e Jerumenha.

CLIP-RESPIRO: SETE CIDADES.

Paulo Machado – poeta

*“Aqui o céu é a lembrança mais bela.
O clarazul céu do Piauí e a destroçada
pedra simulação de ruínas
(onde os mocós se escondem)
onde somente as macambiras vingam.”*

Aí parece-me que existem as duas grandes pistas de toda a obra literária do Dobal, não apenas a escrita em versos, mas também a obra escrita em prosa, quer seja crônica, quer seja conto. É que Dobal teve a sensibilidade de compreender de uma maneira totalmente diferente a geografia física e a geografia humana do Piauí. (...) E, em termos de coerência, Dobal optou por produzir uma linguagem substancial. O texto produzido por Dobal é todo ele alicerçado em verbos e substantivos. Isso vai de encontro a toda uma tradição da poética nacional, que está alicerçada na abundância de adjetivos e advérbios.

INSERT: PESSOAS, DE DIFERENTES LOCAIS NO SERTÃO, FRENTE A UMA ESTOPA.

Paulo José Cunha – jornalista

E isso a gente pode verificar em poemas, como por exemplo, “Réquiem”⁵, em que a gente tem uma densidade tão intensa que às vezes, numa primeira leitura, a gente não percebe (...) Ele diz: “Nestes verões jaz o homem sobre a terra. E a dura terra sob os pés lhe pesa. E na pele curtida in vivo arde-lhe o sol desses outubros. Arde o ar deste campo maior desta lonjura onde entanguidos bois pastam a poeira.”

Está toda a história, está ali, está todo o drama de uma realidade rural de Campo Maior está ali. Você tem a situação do homem, você tem a situação do bicho, você tem a situação da terra, você tem a situação do clima em sete versos, sete linhas de verso. E aí ele tem uma... eu acho uma paulada que ele dá ali quando ele diz, logo em seguida:

“... E se tem alma não lhe arde o desespero de ser dono de nada. Tão seco é o homem nestes verões”

Já é um segundo verso... “e se tem alma, não lhe arde o desespero de ser dono de nada”. Ele duvida até que este homem tenha alma, e se este homem tem, ele nem se desespera de ser dono de coisa alguma.

CRÉDITO:

aridez com cacimbas

Salgado Maranhão – poeta

MiniDV 060 – 0:44:03:00

Eu diria que a aridez do Dobal é uma aridez com cacimbas e reflete a personalidade dele... (...) Acho que a aridez da poesia

⁵ See OLGA SAVARY: she reads “Réquiem” as well.

do Dobal, eu diria a umidade da sua poesia, ou a enxutez – se se pode dizer assim – da poesia desse poeta, talvez seja o fato da sua ligação com a poesia inglesa. Menos com a poesia francesa e com os poetas portugueses, ele é um poeta mais inglês na sua frieza.

Alberto da Costa e Silva – poeta / membro da A. B. de L.
MiniDV 060 – 0:05:49:00

Conheci Dobal na inteireza de seu corpo e revi mais de uma vez Dobal nas circunstâncias que lhe diminuíram a carne, mas lhe aguçaram o espírito e dele guardo uma idéia muito semelhante à da sua poesia. É um poeta no qual a sua presença humana se transplanta perfeitamente para o que ele escreve, isto é, para o que ele nos diz, porque se trata de um poeta que, escrevendo, fala, e que mantém no que escreve a dicção natural de sua voz.

Prosa: INNAMORATA – LEITURA DE H.DOBAL ACOMPANHADO PELA VOZ CANTAROLADA DE MARISTELA GRUBER.

CRÉDITO:

prosa:

Innamorata

livro: UM HOMEM PARTICULAR

Ela agora está morta e eu não sei se estava mesmo apaixonado por ela naquele tempo. Talvez estivesse. Era uma paixão que não derrubava as outras, que se acrescentava às outras. Não tomava o lugar de nenhuma outra.

Talvez estivesse mesmo apaixonado por ela e acho que ela correspondia com uma paixão igual à minha. Pelo menos houve um dia que ficou valendo como uma revelação.

Um dia que nunca se transformou numa data, que se perdeu num mês qualquer, num ano cada vez mais remoto e impreciso. Um dia nítido e, no entanto, insituável num tempo que se perdeu completamente.

Penso nela de repente durante a ginástica com que procuro combater essa paralisia que me agita o dedo da mão esquerda. Não interrompo os exercícios, o pensamento passa. O pensamento é mesmo uma cousa à toa.

Outras vezes suspendo a leitura do jornal para esfregar os olhos cansados e a lembrança dela fica comigo um momento.

Era um dia inútil, um domingo de tarde em que tínhamos pensado em ir ao cinema. Mas a tarde de cartão-postal se enchia de doçura. Paramos na beira da lagoa. Ficamos olhando os pedalinhos, que não tínhamos coragem de enfrentar.

Sonhamos o vôo das gaivotas, o silêncio das águas paradas. Aceitamos a paz das paisagens preparadas. Num momento aceitamos o sol, o vento, o fogo, os poderes da vida. Vimos na tarde os peixes saltadores e a morte da luz nas suas escamas. Mas logo desapareciam de novo nas águas da lagoa.

Tive uma grande vitória com ela. Vitória moral, bem entendido. O sexo entre nós não seria tão natural que não procuramos antecipá-lo. Mas acho que ela romantizava um pouco, era um pouco ingênua sobre isto. Ficou muito espantada uma noite quando viu, saindo do escuro da praia, um casal que tinha acabado de completar as suas carências. Muito espantada porque o casal se separava sem uma palavra, sem uma carícia, indiferente na sua satisfação.

Há umas duas semanas alguém me telefonou para dizer que ela morreu. Pedi-me que avisasse aos outros amigos daquele tempo.

Não avisei a ninguém, me desagradava comunicar isto aos outros. Faço isto como se assim protegesse contra a distância e a morte.

Acho que agora ela está mais perto de mim do que antes. Não preciso de fotografias, não preciso tentar despertar o passado. Não ouço os discos, não leio os livros que ela me deu. Como se isto ajudasse a não gastar a sua lembrança, a conservá-la intacta.

*Dos poços da memória me volta às vezes a voz de Ella Fitzgerald cantando Cole Porter: *so in love with you, my love, am I*. Acho que estava mesmo apaixonado por ela. Nem eu nem ela sabíamos ao certo o que devíamos fazer. Preparamos sem pressa o silêncio entre nós. Perdoamos a nós mesmo pelo que não dissemos, nos enterramos pelo que não nasceu. A vida segue o seu curso separado.*

Tudo separado. O nascer, o morrer, as dores do fogo da vida.

Foi só isto cara. E talvez tudo seja só isto: um brilho rápido e depois de novo o silêncio das águas paradas.

Carlos Evandro – professor de literatura brasileira

Nessa leitura do “Innamorata” (...) se nós formos ver mais atentamente, se formos fazer um exame nas entrelinhas desse texto, nós veremos que o poeta entremeia, ele conjuga, ele conjuga a realidade com os condimentos da fantasia, ele une elementos da realidade e elementos da fantasia. É nesse sentido que a obra ganha em qualidade e em emoção também.

H.Dobal

DOUGLAS: - *E os temas, como você os escolhe?*

Escolho temas que me preocupam, que me fazem pensar. “El Matador” eu fiquei impressionado porque o Piauí é o único estado do Brasil que não tem mais índio. Todos os outros Estados têm índios: São Paulo tem índio, Minas Gerais tem índio, Pernambuco tem índio mas no Piauí não tem mais índio. Então eu fiquei impressionado e fiz aquele poema.

CRÉDITO:

esse famigerado

M.Paulo Nunes – escritor / membro da A. P. de Letras

...esse famigerado João do Rego Castelo Branco, que ele chama de El Matador, extinguiu um aldeamento completo de índios, matou todos, passou todos a fio de espada. (...) Então nesse poema, El Matador, é um poema bonito, porque ele fixa a história do... a saga do João do Rego Castelo Branco em dois aspectos: ele transcreve a linguagem, a língua dos cronistas do tempo a respeito do feito histórico e, em seguida, faz o poema.

Alberto da Costa e Silva – poeta / membro da A. B. de L.

É estranho, é comovidamente estranho o destino dos poetas piauienses. Eu podia referir-me a meu pai, por exemplo, podia

referir-me ao silêncio que baixou sobre a obra de Dobal fora do Piauí, ou melhor, fora do Nordeste e podia referir-me a um poeta a quem Dobal dedicou um poema belíssimo. Poeta piauiense da primeira metade do século XIX, Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco. Ele foi um poeta estranhíssimo. (...) E foi sobre ele, quase como uma meditação sobre a sua própria poesia, que Hindemburgo Dobal escreveu o poema “Leonardo”:

*“No campo raso vai galopando
Leonardo de Nossa Senhora
das Dores Castelo Branco,
que também outrora
se assinou de Carvalho.”*

E vai por aí sobre a capacidade que tinha esse poeta de usar as palavras muito mais poderosas.

CRÉDITO:

são poemas tristes

CLIP-RESPIRO: TRAVELING POR BRASÍLIA AO SOM DO POEMA “RAÇA” – MUSICADO POR CLODO FERREIRA.

H.Dobal

Os poemas sobre Brasília são poemas tristes.

(...)

Brasília foi muito ruim para mim. Não por causa da cidade mas por questões pessoais. Me fizeram com que eu detestasse a cidade. (...) O meu casamento fracassou. Também por causa da doença, eu peguei lá na Alemanha e voltei doente. (...) Não, acho que começou em Brasília, em Brasília se fez os primeiros sinais de Parkinson. Um enrijecimento nos meus dedos. Meus dedos foram ficando rígidos...

“BOX INFO”: MAL DE PARKINSON =

É uma síndrome vagarosamente progressiva que consiste em combinações variáveis de tremor em repouso, rigidez e instabilidade postural.

Verbena Dobal – irmã

Ele estava deprimido, muito triste, muito abatido mesmo. (...) Eu fui para lá passar uns dias lá com ele e estava demorando e eu precisava voltar porque a minha casa estava só. Eu precisava voltar para casa, aí eu convidei para ele vir comigo, ele não queria mas depois... o Luciano achou que ele devia vir também e me ajudou. Aí ele veio.

“BOX INFO”: LUCIANO = LUCIANO DOBAL (filho)

INSERT: IMAGENS DE VERBENA DANDO COMPRIMIDO A DOBAL.

DOUGLAS: - Quais são os cuidados necessários?

Precisa muito cuidado, dá muito trabalho e precisa muita paciência. (SORRI) ... (...) ... Mas não é trabalho assim, que a gente não possa fazer não. Dá para levar.

De vez em quando aparece uma pessoa que tem e fala, conversa com ele, conversa com a gente. A gente vai trocando idéias assim.

IMAGENS DA VISITA DE DOBAL E VERBENA À CASA DE ANTONIO LEAL – QUE TAMBÉM TEM MAL DE PARKINSON.

A vida continua, não pode parar. Isso é importante a vida continuar!

CONVERSA ENTRE DOBAL E ANTONIO LEAL.

Paulo José Cunha – jornalista

As pessoas, às vezes, não entendem, acham que ele, com aquele jeito dele, ele talvez fosse um cara trancado, apesar do problema físico, e, ao contrário, ele é uma pessoa muito bem humorada o tempo todo, está sempre muito alegre, é brincalhão.

Salgado Maranhão – poeta

A gente fala com ele sobre a vida, sobre questões simples da vida, do cotidiano... sobre mulher, sobre piadas da vida, qualquer coisa do dia-a-dia a gente pode conversar com ele sem essa margem do literário e do mundano. Quer dizer, a vida, com ele, é tudo misturado: ele é uma pessoa lúdica, com um espírito lúdico e isso atrai muito os amigos.

Cineas Santos – professor / editor

...o Dobal ainda não é conhecido da mídia brasileira, isso por culpa dele. É que, no Brasil, dá-se muito mais importância à vida literária e social dos autores do que às suas obras. Como o Dobal não faz vida literária, como o Dobal não usou a poesia como trampolim, é um homem para dentro, é um homem que não suporta ser o foco das atenções, a obra dele foi, de alguma forma, prejudicada.

CRÉDITO:

senhora muito voluntariosa

Olga Savary – escritora/poeta

A poesia é uma senhora muito voluntariosa, muito exigente e ela exige que as pessoas dêem tudo para ela, dêem a alma, teu sangue, suor e lágrimas e ela ainda acha pouco! E ela te morde o pé e você dá tudo para ela e ela ainda fica rindo de você: “quero mais, quero mais!” ou você dá tudo ou você não vai ter o retorno.

H.Dobal

DOUGLAS: - Se você tinha consciência da excelência da poesia que produziu, por que não investiu mais em sua carreira literária?

Precisava viver. A poesia não dá camisa a ninguém, não dá dinheiro. Eu tinha de me dedicar ao Ministério da Fazenda para me dedicar a minha vida.

Olga Savary – escritora/poeta

Talvez a paixão dele era muito recolhida mas a poesia exige um pouco mais...(...) eu acho que no fundo todo mundo escreve para ser amado, para ser lido. Ninguém escreve para a gaveta!

Ivan Junqueira – poeta / membro da A. B. de Letras

...essa sina de que padecem os grandes poetas do nordeste é uma espécie de destino comum. (...) ...essas regiões que ficam mais distantes do eixo Rio-São Paulo que são Norte, Nordeste e Centro-Oeste têm que viver, têm que conviver com essa sina do desconhecimento daquilo que fazem. E que, em grande parte das vezes, é sempre muito bom. Mas o eixo Rio-São Paulo é um eixo poderoso e mais do que poderoso é um eixo discricionário. O que é produzido fora daqui cai no esquecimento. Isso não é um acontecimento de hoje. Isso sempre existiu, tanto assim, que quando você vai averiguar a origem de uma boa parte de bons poetas que vivem nesta região você vai perceber que eles não são cariocas nem paulistas. Eles vieram dos estados. A começar por Carlos Drummond de Andrade, a começar por Manuel Bandeira, por Murilo Mendes, por Jorge de Lima... nenhum deles carioca. Eles se acariocaram mas eles não são do Rio de Janeiro. E, em gerações mais recentes, pode se ver a mesma coisa com Ferreira Gullar, com João Cabral de Melo Neto que absolutamente nunca foram cariocas.

Alberto da Costa e Silva – poeta / membro da A. B. de L.

Mais de uma vez no Brasil se tentou descentralizar a cultura, e descentralizar tudo, economia, descentralizar o país, com resultados que, às vezes, são até bons, mas que não permanecem, que se desfazem com o tempo, de modo que ainda há uma relação de silêncio entre esses outros pontos do país e os seus centros culturais mais vivos, que lhe marcam a dinâmica, por assim dizer.

CRÉDITO:

fazem uma nação

Olga Savary – escritora/poeta

...o Brasil está muito difícil e eu acho que a gente deve aos nossos artistas, aos nossos escritores, um melhor Brasil que a gente tem para mostrar. Que, aliás, é isso que fica... porque não é a política, não é isso nem aquilo, não é guerras nem lutas... não é isso que fica de um país, o que fica de um país é a sua criação. Quando você pensa numa Itália, você pensa nos seus grandes criadores, nos seus Da Vinci e Petrarca e Dante e assim por diante. Quando você pensa no Brasil, você vai pensar nos seus Drummonds e Dobals e gente assim, nos criadores. São esses que fazem uma nação. Uma nação é feita de criadores!

Camillo Filho – professor / membro da A. P. de Letras

O Dobal ...(...)... Está hoje aqui, escondido, como é o jeito dele, mas eu tenho certeza de que o Dobal está feliz. De vez em quando ele vai ao Campo Maior, olha o Campo Maior, basta olhar. (...) ...basta ir ao Campo Maior, que aquilo dá nova vida ao Dobal, faz com que o Dobal seja cada vez mais o melhor poeta que esta terra tem.

SEQUÊNCIA: VIAGEM DE DOBAL A CAMPO MAIOR: PASSEIA PELOS CAMPOS, OLHA PELA JANELA DO CARRO.

CRÉDITO:

não escrevo inutilmente

H.Dobal

A minha experiência que eu tenho é ver as pessoas comuns se comovem com a minha poesia. (...) Não é uma poesia inteligente, não. Aliás, ela pode ser muito entendida e gostada por muitas pessoas, pessoas simples. ...sabendo que a minha poesia está ao alcance do povo. (...) Eu não escrevo inutilmente. A minha escrita tem o seu valor.

CRÉDITOS FINAIS ACOMPANHADOS DE LEITURAS DE POEMAS: VÁRIAS PESSOAS.

escrito por Douglas Machado
2002